

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

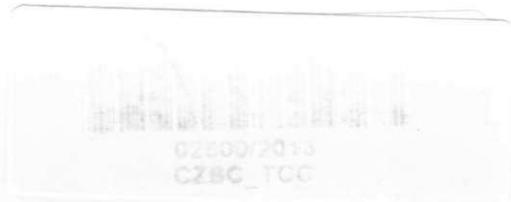
MARTA EMILIA DUARTE LOPES

Linha de pesquisa  
Ensino de Geografia

O ENSINO DE GEOGRAFIA:  
concepções teóricas e práticas no Ensino Médio

CAJAZEIRAS - PB

2013



MARTA EMILIA DUARTE LOPES

O ENSINO DE GEOGRAFIA:  
concepções teóricas e práticas no Ensino Médio

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado a Universidade Federal de Campina  
Grande – Campus IV, como cumprimento de  
um dos requisitos necessários para a obtenção  
do certificado de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Maria Luiza Schwarz



CAJAZEIRAS - PB

2013



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

L864e Lopes, Marta Emilia Duarte  
O Ensino de Geografia: concepções teóricas e  
práticas no ensino médio. /Marta Emilia Duarte  
Lopes. Cajazeiras, 2013.  
36f.

Orientadora: Maria Luiza Schawrz  
Monografia (Graduação) – UFCCG/CFP

1. Geografia – estudo e ensino. 2. Prática de ensino.  
3. Ensino de Geografia. I. Schawrz, Maria Luiza. II.  
Titulo.

UFCCG/CFP/BS

CDU-91:37

MARTA EMILIA DUARTE LOPES

O ENSINO DE GEOGRAFIA:  
concepções teóricas e práticas no Ensino Médio

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Maria Luiza Schwarz  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais –UACS  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Orientador

---

Prof. Ms. Marcos Assis Pereira de Sousa  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais –UACS  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Examinador I

---

Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais –UACS  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Examinador II

Apresentada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

CAJAZEIRAS - PB  
2013

UNIVERSIDADE  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECASETORIAL  
AS PARAIBA

Ao meu Deus, pela presença constante em todos os momentos da minha vida e aos meus pais, Azineu Lopes de Souza e Maria de Fátima Duarte Lopes. Por ser minha referência de vida. Amo-os de coração.

Dedico!

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
AS PARAIPIA

## AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, minha fortaleza e meu refúgio em todos os momentos da vida, principalmente, nas dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Azineu Lopes de Souza e Maria de Fátima Duarte Lopes, que são meu alicerce, meu refúgio, a fonte onde sempre busco forças para continuar lutando e vencendo, e principalmente obrigada por terem mostrado a mim o quanto vale a pena viver com honestidade, respeito, dedicação, dignidade e amor. Obrigada por serem exemplo de perfeição e dedicação a nossa família.

Ao meu irmão e irmãs Marcelo, Márcia e Mainy pelo amor, compreensão e incentivo. A minha família pelo carinho e atenção que sempre tiveram comigo, por todos os conselhos e pela confiança em mim depositada, meu imenso agradecimento.

Ao meu noivo Antônio, amigo, companheiro, que sempre me apoiou e me incentivou sem jamais cobrar qualquer retribuição e sem cujo amor, carinho e dedicação, não seriam possíveis concluir esta etapa.

De maneira especial e única os maiores e mais sinceros agradecimentos a minha querida orientadora, Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Sehawrz que me ensinou que o aprendizado é um processo contínuo, o qual se pode aprender em todos os lugares, em todos os momentos e com todas as pessoas, em suas especificidades. Sou eternamente grata, pelo seu brilhantismo acadêmico a min dedicado.

Aos professores que constitui a Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS e o Curso de Licenciatura Plena em Geografia, que contribuíram de significativamente em minha formação. Levarei todos em meu coração e, como profissional geógrafa procurarei seguir seus exemplos. Obrigada por tudo.

Agradeço aos demais colegas de turma infinitamente pela compreensão, pelas palavras de encorajamento, pelos momentos de descoberta regados com muito carinho. Um até logo.

A todos os membros da banca que aceitaram o convite de participar desse momento tão importante para minha formação.

E não posso deixar de agradecer a todos os que me apoiaram ou colocaram obstáculos a meus anseios, pois me deram incentivos que possibilitou meu crescimento seja pessoal ou intelectual. Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho conseguisse atingir os objetivos propostos.

## RESUMO

O presente estudo de caráter bibliográfico trata da temática sobre o ensino de geografia, tendo como parâmetros as concepções teóricas e práticas no ensino médio. O propósito do estudo centra em buscar subsídios teóricos sobre a problemática em pauta. Assim, tem como objetivo, analisar a contribuição da relação teórico-prática no que se refere ao ensino de geografia na escola básica, bem como, verificar até que ponto essa relação influencia na aprendizagem do aluno em nível médio. A partir daí, buscar novas estratégias voltadas para a realidade sócio educacional no ensino da geografia. Para tanto, o estudo focaliza o eixo temático direcionado para os tópicos: o ensino da geografia e os aspectos históricos, com os enfoques no Brasil e as posturas práticas voltadas para as noções de aprendizagem no ambiente escolar, inserindo algumas propostas vivenciadas no ensino de geografia; bem como, a crise atual nessa área de ensino na escola básica e as noções básicas e legais com evidência as normas das diretrizes encaminhadas pelo Conselho Nacional de Educação e os caminhos para o ensino da geografia atual. Para tanto, buscou-se uma literatura em autores que enfocam a temática do ensino de geografia no ensino médio. Tendo como destaque: Cassab (2006) IBGE (2001), Cavalcanti (2002 e 2003), Visentini (1987 e 2004), Moraes (1989), Oliveira (2003), Libâneo, (1992 e 2002), Brasil (2001), Castrogiovanni (2007), Lacoste (1988), entre outros, que abordam a temática em estudo.

Palavras-chave: Ensino de geografia. Teorias e práticas de ensino. Aprendizagem do aluno. Realidade sócio educacional.

## ABSTRACT

This character study of literature deals with the themes of geography teaching, having as parameters the theoretical conceptions and practices in high school. The purpose of the study focuses on seeking theoretical support on the issue at hand. Thus aims to analyze the contribution of the relationship between theory and practice in relation to teaching geography in elementary school, as well as to check how this relationship influences on student learning in high school. From there, look for new strategies aimed at the social education in the teaching of geography. Therefore, the study focuses on the thematic axis directed to the topics: the teaching of geography and historical aspects, with the approaches in Brazil and postures practices for the notions of learning in the school environment, inserting some proposals experienced in teaching geography , as well as the current crisis in the area of school education and basic basics with evidence and legal standards of the guidelines forwarded by the National Council of Education and the paths to the teaching of geography today. Therefore, we sought a literature authors that focus on the theme of teaching geography in high school. Having highlighted as: Cassab (2006) IBGE (2001), Cavalcanti (2002 and 2003), Visentini (1987 and 2004), Moraes (1989), Oliveira (2003), Libâneo, (1992 and 2002), Brazil (2001), Castrogiovanni (2007), Lacoste (1988), Brazil (1998), among others, to the thematic study.

Keywords: Geography education. Theories and practices of teaching. Student learning. Socio educational.

## LISTA DE SIGLAS

AGB – Associação de Geógrafos do Brasil;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação;

CNE – Conselho Nacional de Educação;

MEC - Ministério de Educação e Cultura

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	09
2.	O ENSINO DA GEOGRAFIA: concepções históricas .....	11
2.1	A Geografia no Brasil: aspectos a considerar .....	15
2.2	O Ensino de Geografia: posturas práticas .....	17
3.	O ENSINO DE GEOGRAFIA: noções de aprendizagem no ambiente escolar .....	20
3.1	Propostas vivenciadas no ensino de Geografia .....	20
4.	A CRISE ATUAL NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLA BÁSICA .....	26
4.1	Noções básicas e legais no ensino de Geografia .....	26
4.2	Caminhos para o ensino da Geografia atual .....	30
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
	REFERÊNCIAS .....	34

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
AS PARAIBA

## INTRODUÇÃO

O presente estudo monográfico constitui-se numa pesquisa sobre a problemática do ensino de Geografia tendo como parâmetros as concepções teóricas e práticas no Ensino Médio, como pressuposto na aprendizagem dos conteúdos geográficos. Pois, considera-se que resgatar o ensino de geografia numa relação teórica e prática é de suma importância nessa área de ensino.

À problemática do ensino de Geografia em sala de aula tem levado os profissionais dessa área a reverem suas práticas, fato este que se limitam por vezes num repasse teórico sem fazer a relação óbvia da realidade existente com o meio que estão inseridos os sujeitos da aprendizagem.

Dessa forma a questão polêmica relacionada ao ensino de geografia torna-se visíveis em vários espaços no ambiente escolar, em específico a sala de aula, em que o professor tem a responsabilidade de fazer a ponte entre a teoria e prática de forma que seus alunos reconheçam a real importância que a geografia tem diante das transformações que circundam no mundo em que vivemos.

Ao professor, como agente de mudanças cabem desenvolver suas práticas motivando seus alunos a não apenas como um espectador, mas, um sujeito crítico diante às mudanças ocorridas constantemente em nosso Planeta. Por entender que a teoria deve ser resgatada e a partir daí buscar promover uma prática que proporcione momentos prazerosos aos alunos em sua aprendizagem.

Para tanto, o estudo encontra-se estruturado em capítulos que abordam a problemática em pauta, sem perder de vista a importância de que a prática realizada em sala de aula seja o verdadeiro ofício docente no ensino da Geografia, e que, professores e alunos trabalhem juntos com objetivos focados nos conteúdos geográficos abordados em sala de aula.

Diante dos pressupostos e reconhecendo que é imprescindível buscar estratégias que viabilizem o ensino da geografia, o estudo monográfico traz as discussões teóricas e práticas como foco em melhorar os índices de aprendizado dessa ciência.

No entanto, o estudo encontra-se delineado nos seguintes capítulos: o primeiro enfoca o ensino de geografia com as concepções históricas, em que aborda os questionamentos e respostas que intervêm na forma de vida que se encontra inserido o ser humano. Bem como, a relação do homem e o meio ambiente, favorecendo na aquisição do conhecimento do espaço onde vive.

Ainda no primeiro capítulo, enfatiza o ensino da Geografia no Brasil em que prioriza um estudo descritivo das paisagens naturais e humanizadas, com procedimentos didáticos voltados para descrição e a memorização dos conteúdos em que tinha como parâmetro o enaltecimento do país.

O seu segundo capítulo aborda com mais afinco o ensino de geografia, diante das concepções na aprendizagem no ambiente escolar, com enfoques literários nas grandes mudanças que passaram afetar de forma expressiva o Planeta, onde se tornaram visíveis na transição do século XX para o XXI, com o estudo aprofundado sobre ensino da Geografia em que passa a analisar essas mudanças e as consequências por elas provocadas. Assim, passa enfocar as propostas do ensino de Geografia na visão de vários autores.

O terceiro capítulo direciona para o objetivo do estudo com os enfoques na crise atual no ensino da geografia escolar básica, em que aborda a geografia no espaço escolar, com as concepções básicas e legais nessa área de estudo, tendo com pressuposto as Diretrizes para o Ensino de Geografia, com destaque do Parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CES nº 492 de 2001, enfatizando também nesse momento a importância de que o ensino de geografia enquanto ciência deve acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo tanto no campo da Geografia Humana como na Física.

Os tópicos abordados culminaram com as considerações finais sobre a problemática do ensino de geografia na escola básica, enfocando algumas considerações e relatos de experiências vivenciados no estágio supervisionados numa escola pública de Ensino Básico, bem como, encaminhamentos que podem ser absorvidos no enriquecimento da prática educativa do ensino da geografia, fundamentadas em referências que contribuíram de forma eficaz na realização desse estudo bibliográfico.

Portanto, o estudo procurar seguir seus objetivos os quais centram numa análise da contribuição que a relação teórico-prática pode oferecer ao ensino de geografia na escola básica II, bem como, verificar até que ponto essa relação tem influência na aprendizagem do aluno em nível médio.

## CAPÍTULO I

### 2 O ENSINO DA GEOGRAFIA: concepções históricas

É primordial a preocupação do ser humano buscar respostas a questionamentos que intervêm no modo de vida o qual está inserido. Assim, verificar, descrever e estudar a relação do homem com o meio ambiente sempre foi os primeiros passos a serem traçados como forma de aquisição do conhecimento.

Do ponto de vista científico esse conhecimento passou por sérias mudanças e a humanidade em seu percurso histórico teve que enfrentar sérias adversidades, com as quais algumas questões são consideradas cruciais: a primeira e eventualmente a mais questionada no bojo acadêmico, diz respeito ao 'acesso ao conhecimento', que não se restringe apenas ao processo de alfabetização e/ou a escolarização do ser humano, mas, a dificuldade de acesso a esse conhecimento propriamente dito. Como bem enfoca o americano Roger Shattuck (1990), o conhecimento se limitou a um grupo de pessoas, que por vezes criavam restrições para a camada maior da sociedade, os "ditos conhecimentos proibidos" ou 'coisa de Estado' na sociedade moderna", como é bem focado no enredo do filme 'O Nome da Rosa'<sup>1</sup> da autoria de Umberto Eco, que ganhou repercussão ainda maior através das projeções do diretor francês Jean Jacques Annaud.

Mesmo com o pouco acesso ao conhecimento a sociedade também passa enfrentar o segundo problema, que se refere à maneira de como entender e interpretar as coisas do mundo, ou seja, o método. Tal concepção surge já no século XIX, em que passa a ser considerado o período do surgimento de vários métodos, mas, com dificuldade de adequação a solução de problemas sociais. Vários se interpuseram como hegemônicos na interpretação do mundo em momentos históricos diferentes. Dentre os pensadores que se destacam teve-se Charles Darwin (1809-1882) com a sua Teoria da Evolução das Espécies, Karl Marx (1818-1883) e a sua crítica ao modo de produção capitalista, Sigmund Freud (1856-1939) e a descoberta do Inconsciente, e finalmente, o filósofo alemão Friederich Nietzsche (1809-1882)

---

<sup>1</sup> O Nome della rosa é um romance do escritor italiano Umberto Eco, lançado em 1980. O enredo gira em torno das investigações de uma série de crimes misteriosos, cometidos dentro de uma abadia medieval. As investigações apesar da resistência de alguns dos religiosos do local, até que desvenda que as causas do crime estavam ligadas a manutenção de uma biblioteca que mantém em segredo obras apócrifas, obras que não seriam aceitas em consenso pela igreja cristã da Idade Média.

Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/conhecimento>

com a sua contundente crítica aos aspectos doutrinários do Cristianismo e a postulação de um 'super-homem'. Tais métodos apesar de enfrentar reações adversas contribuíram de forma eficaz na compreensão de muitos problemas da humanidade que até os tempos atuais buscam soluções possíveis.

O terceiro capítulo faz a relação fundamental entre o conhecimento já estabelecido 'a teoria' e a prática ou mesmo a práxis social. Tal questionamento perdura até tempos atuais onde há vários entendimentos sobre essa relação que são abordados por autores que preocupados em estabelecer laços que aproximem essa relação. Pois, no entendimento de alguns escritores o conhecimento é efêmero e necessita ser submetido a uma prática, no qual se faz uma relação óbvia com a prática advinda do ser humano.

As teorias permanecem vivas ao se depararem com novas práticas didáticas, um exemplo vivo é o Inatismo<sup>2</sup> do saber congênito de Platão, do empirismo na absorção do conhecimento externo de Aristóteles em que os conhecimentos são absorvidos como resultado da prática - quando se tornam hábito e o construtivismo, a tentativa de caminho do meio de Jean Piaget, no qual o professor deve criar contextos, conceber ações e desafiar os alunos para que a aprendizagem ocorra. Nesse contexto, o conhecimento não é incorporado diretamente pelo aluno, ou seja, advém de uma atividade de quem aprende que organiza e integra novos conhecimentos aos que trazem consigo, assim, é preciso agir sobre o objeto e transformá-lo. Portanto, as aquisições desses conhecimentos sempre passaram por práticas vivenciadas pelo ser humano e mundo em que vive.

Se produzirmos um pequeno remonte histórico sobre o ensino da Geografia no mundo ocidental, pode-se observar, que, ainda antes de se firmar como conhecimento científico propriamente dito, a preocupação com o meio já se insinuava entre pensadores de épocas distintas: Lembremos aqui, por exemplo, da tensão dialética apresentada por Heráclito de Éfeso na fábula do "Homem e o Rio" em que ele nos informa do perene movimento da natureza, e também, do homem; ainda entre os gregos temos a figura de Anaximandro que teria imprimido as primeiras cartas náuticas, sendo considerado assim um precursor dos atuais geógrafos. Já no Séc. XVIII o filósofo prussiano Imanuel Kant se preocupava com a minuciosa descrição do modo de vida de diferentes partes do mundo.

---

<sup>2</sup> Platão (427-347 a. C.) firmou posição a favor das ideias congênitas do Inatismo onde defende que as pessoas naturalmente carregam certas aptidões, habilidades, conceitos, conhecimentos e qualidades em sua bagagem hereditária. Aristóteles (384-322 a. C.) Os empiristas acreditavam que as informações se transformam em conhecimento quando passam a fazer parte do hábito de uma pessoa". Jean Piaget (1896-1980) - Estabelece que a capacidade de aprender é desenvolvida e construída nas ações do sujeito por meio do contato ativo com o conhecimento, que é facilitado pelo professor. Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/inatismo-empirismo-construtivismo-tres-ideias-aprendizagem>.

Para Cassab (2009) a 'Geografia Kantiana' seria um conjunto de informações e conhecimentos provenientes de inúmeras descrições de viagens e compêndios sobre as características fisiográficas de diferentes partes do mundo. Foi em Immanuel Kant (1724-1804), que Piaget fundamenta-se e sugere que o conhecimento vem da interação do sujeito com o meio - uma alternativa ao inatismo, bem como, ao empirismo, que retratava o saber como um elemento externo que só podia ser adquirido pela experiência.

Ao focar as proposições de Kant, Piaget passa a concordar a interação sujeito com o meio pode ser a chave dessa relação teoria-prática, assim, foi mais além quando afirma que o desenvolvimento das estruturas mentais se inicia no nascimento, quando o indivíduo começa o processo de troca com o universo ao seu redor.

Nessa relação de troca com o meio Piaget enfatiza da necessidade que o ser humano tem uma postura ativa para aprender as coisas. Tomemos por exemplo: uma pessoa que more a vida inteira em um ambiente específico, ao se deslocar para outro, mesmo sem conhecer ele passar a fazer 'comparação e classificação' por meio dessa relação e vai entender que algum elemento esta inserido em seu meio. Assim, para que o processo de estruturação cognitiva ocorra, é fundamental a ação do sujeito sobre o meio em que vive, sem esse processo não há conhecimento (BECKER, 2005).

Foi a partir do final do século XIX que se começa a definir o objeto de estudo e o método a ser desenvolvido pela Geografia dita científica, como bem enfatiza Ritter e Humboldt é que se "estabelecer a relação lógica entre o todo e as suas partes" (GOMES, 1996, p. 165). Noutras palavras, o grande número de dados e informações recolhidos pela sociedade no mundo, precisava ser sistematizado, nesse contexto, a Geografia define como seu objeto a relação 'homem-natureza', estabelecendo como referência a relação lógica entre o todo e as suas partes, o que dessa compreensão se evidencia o que se pode chamar de universal e regional, tendo parâmetro os dois ramos distintos da Geografia, Geral e regional.

No Início do século XX, o estudo da Geografia experimenta certo desprestígio, e, mediante essa crise reformula o seu foco, as novas mudanças no que tange ao "método" são incorporados elementos da Física, da Biologia, e, principalmente da Matemática, movimento este, que geraria novas subdivisões na Geografia, gerando a chamada Geografia Física na qual acampa os fenômenos da natureza, tais como, a Climatologia, a Geomorfologia, entre outros relacionados, e a Geografia Humana que passa abranger o estudo sobre o ser humano e suas relações com o ambiente.

Tais modelos persistem como modelos hegemônicos até meados da década de 50 do século XX, quando ocorre uma nova mudança de paradigmas com a chamada escola

Teorética Quantitativa<sup>3</sup>. Assim, a natureza no posicionamento teórico da Nova Geografia toma outras dimensões com diferentes posturas das escolas geográficas anteriores, ou seja, a natureza está, segundo tal concepção, inserida num espaço caracterizado como 'geométrico', 'matemático', com finalidades voltadas para os interesses dos Estados (WETTSTEIN, 1992).

Paralelo a esse momento surge à entrada da sociedade moderna numa fase de caráter industrial em que há a forte presença do Estado diante ao planejamento dos espaços, geográficos. Tais características avançam em grande parte das sociedades no período pós-Segunda Guerra Mundial.

No Brasil a geografia quantitativa, surge de forma mais branda com a instauração de um projeto de Estado brasileiro, pois os promotores dessa corrente encontravam-se inseridos nele. E com destaque o importante papel do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no episódio, no qual se pode afirmar que o ponto de partida da geografia quantitativa brasileira foi dado pelo IBGE<sup>4</sup>. Muito embora o movimento teve pouca duração, a sua capitalização pouco teve de início um impacto, porém, de pouca duração também. Observa-se assim que a geografia quantitativa compreendeu num período que se estabeleceu do final dos anos 60 ao final dos anos 70.

Os projetos desenvolvimentistas acompanharam das décadas de 60 e 70, no Brasil eram apoiados por economia internacionais que motiva a instalação de novos parques industriais no território nacional, com indústrias majoritariamente multinacionais do capital estrangeiro. Neste período histórico a Geografia assume uma postura puramente influenciada pelo capitalismo mundial, principalmente dos Estados Unidos. Em contrapartida a Geografia Tradicional é deixada de lado favorecendo a expansão de uma geografia comprometida com os interesses do fortalecimento do capital. Dessa forma, suas características estariam voltadas para o mesmo projeto.

Na década de 70 do século XX, a Geografia enquanto componente curricular passa incorporar em seu aspecto metodológico a experiência advinda da escola crítica marxista<sup>5</sup> em que focaliza a união entre 'espaço' e 'política', tendo como parâmetros um novo movimento

<sup>3</sup> Wettstein (1992, p. 11): "A Geografia Quantitativa baseou-se na formulação matemática dos raciocínios e alcançou alto grau de formalização, graças à utilização de métodos matemáticos".

<sup>4</sup> Na Revista Brasileira de Geografia - registros do que feito de geografia pelo IBGE. Editorial publicado no Ano 32, nº 1, de 1970, com os seguintes dizeres: "O Instituto Brasileiro de Geografia da Fundação IBGE vem, desde cerca de dois anos, voltando as suas atenções para a utilização de técnicas quantitativas nas análises espaciais das diversas regiões brasileiras e nos numerosos tópicos da geografia sistemática".

<sup>5</sup> A ênfase da Geografia advinda da escola marxista sobre restrições de estrutura sobre a ação humana tem sido criticado extensivamente como determinista, não permitindo que o organismo humano e de autonomia, cuja ação parece determinado por mecanismos estruturais do capitalismo na análise marxista. Em contrapartida, Geografia Humanística é uma geografia diferente crítica, que se concentra na vontade humana e da autonomia para explicar os padrões de geografia.

da Ideologia da Nova Geografia, nesse momento há uma denúncia das estratégias de preservação do 'status quo' e da reprodução do ponto de vista ideológico da classe dominante. Para esta "escola" a ciência não seria neutra e caberia ao geógrafo conhecer o espaço para transformá-lo, pois, por conta das contradições atribuídas ao sistema de produção capitalista o espaço passa a ser ele mesmo, um produto social (CHRISTOFOLETTI, 1976).

## 2.1 A geografia no Brasil: aspectos a considerar

Por volta do ano de 1837, ainda no século XIX, o ensino de Geografia torna-se uma disciplina regular nas escolas brasileiras, tendo ponto de partida à reformulação da grade curricular do Colégio Pedro II, em que se tornou necessário atender as determinações dos mandatários do recém-criado país. Pois, tal reforma tinha como objetivo instaurar o espírito de nacionalidade e inserir juntos aos jovens o sentimento de patriotismo, onde o ensino de geografia apresentava características descritiva, mnemônica, enciclopédica tornando-se distante da realidade do aluno (CASSAB, 2006).

Cria-se então Curso Livre Superior de Geografia no Brasil no ano de 1929, que passa a funcionar somente em 1934 onde surgem os primeiros cursos superiores Licenciatura Plena de Geografia na Universidade de São Paulo e na Universidade do Distrito Federal – Brasília em 1935. Nesse mesmo período é fundada a Associação de Geógrafos do Brasil - AGB, que passa dar um apoio maior às universidades, bem como o Conselho Nacional de Geografia criado em 1937. A criação desses órgãos favoreceu na criação também do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o qual fortaleceu na expansão do ensino da Geografia no Brasil (CASSAB, 2006).

Dessa forma o ensino da Geografia passa a se caracterizar de forma prioritária como um estudo descritivo das paisagens naturais e humanizadas e por procedimentos didáticos marcados pela descrição e a memorização dos elementos que compõem a paisagem.

Sob outro aspecto o ensino buscava também estimular o enaltecimento do país, promovendo certo ufanismo<sup>6</sup>, com base na enumeração e descrição das várias riquezas naturais do Brasil. Outras dimensões eram intencionalmente omitidas, como por exemplo, as

---

<sup>6</sup> O ufanismo - jactância ou auto-vangloriação de um país - é uma expressão utilizada no Brasil – O ufanista extrapolar ao se vangloriar desmedidamente das riquezas brasileiras, muitas vezes expondo a si e ao país a uma situação que seria interpretada por outros como jactância, bazófia e vaidade. (<http://www.dicionarioinformal.com.br/ufanismo>)

dimensões ligadas à diversidade cultural, bem como, os aspectos políticos da época que também passavam despercebidos.

Para tanto, o caminho seguido pelos professores de Geografia, como também, o era enfocados nos livros didáticos publicados no início da década de 40 até meados dos anos 70 do século XX, tinha uma postura vinculada ao segmento direcionado para as determinações do regime militar instaurado no Brasil desde o golpe em 1964, como aborda Cassab (2006, p. 48):

O golpe militar de 1964 apenas reafirma essa orientação transformando o ensino de Geografia em mais uma das ferramentas ideológicas do governo militar. O ensino de Geografia adequa-se a nova política educacional que agora se volta para a segurança e o desenvolvimento.

Tais procedimentos conduziram a exclusão do ensino de geografia dos currículos oficiais em 1971, o qual passa a ser substituído pela disciplina intitulada 'Estudos Sociais'. Somente no final dos anos 70 começa a se desenvolver no âmbito das universidades brasileiras um debate crítico que contestava tanto o conteúdo veiculado pela chamada 'Geografia Clássica', quanto pela corrente Teorética Quantitativa, no qual propõe uma nova forma de interpretar as categorias de espaço território e paisagem, que em conformidade com Cassab (2006, p. 48), "A Geografia passa a ser a ciência do espaço, um espaço indissociável da sociedade. Homem, natureza e economia são tratados em suas múltiplas interações e de maneira dialética".

Percebe-se nitidamente a partir de momentos a diferença no ensino de geografia ao observar a década de 90 nos programas curriculares, tomando como exemplo o Colégio Pedro II, onde o seu primeiro ensino sobre o estudo da geografia no Brasil, que, encontra-se inserido na ementa do ensino de Geografia, complemento que: "O homem e a sua relação com a natureza visando reconhecer o trabalho como atividade que relaciona o homem e a natureza e reconhecer que essa relação varia historicamente e culturalmente" (COLÉGIO PEDRO II – Ementa – 1990).

Foi justamente a partir do final da década de 90 que a própria Geografia Crítica começa a receber inúmeras críticas devido aos propósitos políticos e ideológicos inseridos nos programa de ensino da disciplina. Dentre os temas mais polêmicos relacionados às críticas destacavam-se: o fim da Guerra Fria, a Perestroika, a queda do muro de Berlim, a dissolução

de vários estados comunistas na Europa, e assim por diante, surgindo assim, uma nova corrente nos estudos geográficos intitulada Geografia Humanista.

Com essa nova concepção de ensino em que tenta aproximar o espaço da realidade concreta dos alunos, surge às novas possibilidades de abordar as temáticas como: Ecologia, Comunicação, Consumo, Cidadania entre outros, passando a ser adotada assim uma geografia com uma visão de sociedade resultante da união de indivíduos.

Nota-se também, que o conhecimento, de um modo geral e a geografia de um modo específico desenvolve-se em sintonia com determinantes históricas, políticas, econômicas e sociais, concordando com perspectivas de que o conhecimento encontra-se em constantes modificações, ou seja, efêmero, nasce hoje e necessita ser reformulado diante as adversidades que enfrenta a sociedade.

## 2.2 O Ensino de Geografia: posturas práticas

A prática desenvolvida no dia-a-dia em sala de aula abraça inúmeras realidades e experiências vivenciadas no ensino de geografia. Pois, ao nos depararmos principalmente com as deficiências no aprendizado dos alunos, diante as dificuldades apresentadas no ensino da geografia, em específicos ao se tratar de problemas relacionados aos acontecimentos cotidianos do mundo, como o aquecimento global, onde os mesmos por vezes não sabem fazer uma relação óbvia com conteúdos programáticos trabalhados na geografia.

O momento considerado de grandes mudanças expressivas no mundo que afetaram ou ainda afetam o Planeta, foi à passagem do século XX para o XXI, onde o ser humano deixa de viver isolado praticamente, pois, os povos e países do mundo inteiro encontram-se interligados através da revolucionária tecnologia da comunicação e da informação. Mediante postura, a escola e necessariamente o ensino de geografia necessitam rever seu papel diante as mudanças urgentes. Assim a Geografia como bem enfoca Cavalcanti (2002, p. 11), “tem procurado pensar seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando e reatualizando alguns outros”.

Foi justamente no final da década de 70, que se inicia o período de intensas mudanças no âmbito da pesquisa e do ensino, tal momento ficou conhecido como ‘Movimento de Renovação da Geografia’. Como bem enfoca Cavalcanti (2002, p. 11), o movimento favorece “para se fazer uma análise crítica da fundamentação teórico-metodológico da ciência geográfica e para se propor alternativas ao modo de trabalhar essa ciência enquanto matéria escolar”.

As propostas do ensino de geografia vinculadas às discussões teóricas e práticas têm demorado a se concretizar no ambiente escolar, mesmo assim já é possível encontrar mudanças no cotidiano da geografia escolar, sendo que estas são frutos das experiências da teoria crítica quando colocadas em prática no espaço escolar.

A Ciência Geográfica passou por várias reformulações, que contribuíram com significativas mudanças no campo do ensino e da pesquisa, bem como, favoreceram na inserção do ensino de uma Geografia nova no Brasil. Esse movimento de renovação no ensino de Geografia encontra-se embasado num conjunto de reflexões sejam de caráter ideológico e político que são abordados na Ciência Geográfica, com início no final da década de 70.

Assim, o movimento de renovação da Geografia nas últimas décadas, duas questões foram bastante discutidas frente sua importância no que se refere à prática de ensino dos professores nessa área de estudo. A primeira trata dos aspectos pedagógico-didáticos que persiste na crença que para ensinar bem, basta ter conhecimento sobre o conteúdo da matéria enfocada criticamente e a segunda aborda que o ensino de Geografia deve contribuir para a formação de cidadãos críticos e participativos. Nesse sentido seria necessário que o professor procure trabalhar em sala de aula os conteúdos temáticos de forma crítica, tendo como parâmetros os fundamentos metodológicos do ensino dessa ciência.

Vesentini (1997, p. 78), deixa claro que,

O ensino crítico não consiste pura e simplesmente em reproduzir num outro nível o conteúdo da(s) geografia (s) crítica (s) acadêmica (s); pelo contrario, o conhecimento acadêmica ou científico deve ser reatualizado, reelaborado em função da realidade do aluno e do seu meio (...) não se trata nem de partir do nada e nem de simplesmente aplicar no ensino o saber científico; deve haver uma relação dialética entre esse saber e a realidade do aluno- daí o professor não ser um mero reprodutor, mas um criador.

Nesse sentido, o ensino de geografia deve está direcionado a uma postura em que a realidade de mundo do aluno seja efetivamente como um laboratório que possa dar resposta ao professor quanto ao aprendizado do aluno. Surge assim a pergunta mais usual em sala de aula, onde devo aplicar esse conteúdo em minha vida?

Reforçado pela discussão de Cavalcanti (2002), aborda que o ensino de geografia tem como "finalidade básica de ação, trabalhar o aluno juntamente com suas referências adquiridas na escola e sistematizá-las em contato com a sociedade, levando-se em consideração seu cotidiano" (p. 44). E, a partir daí se possa criar um pensar geográfico

levando-se em consideração a relação da natureza com a sociedade, como forma de preservar o mundo em que vive.

Interferir da maneira mais consciente é sem dúvida o melhor caminho para as ações implementadas no ensino de geografia, de modo que os alunos a compreendam de forma mais ampla a realidade em que esteja inserida. Para tanto, é preciso que os alunos adquiram tais conhecimentos, dominem as categorias, conceitos e procedimentos fundamentais, para que não só compreenda as relações existentes entre sociedade e natureza, mas, que saiba também como utilizar o conhecimento geográfico sobre a realidade.

É também através do ensino de geografia, que o aluno pode formar uma consciência sobre 'espaço' num raciocínio geográfico. Pois, essa consciência pode ir além do conhecer e localizá-lo. Ou seja, "os saberes tomados com objetos de conhecimento pelo aluno é aqueles referentes ao espaço geográfico" (CAVALCANTI, 2002, p. 19). O espaço geográfico não é apenas algo científico, mas, é o espaço vivido por todos que resulta das ações de cada um.

Nos dias atuais ainda há uma preocupação em dar ênfase às necessidades básicas do ser humano, e que por vezes esquece o conhecimento que os alunos trazem de casa, 'o conhecimento empírico', quando sabemos que esse aluno é o sujeito ativo do processo de ensino. Nesse contexto, deve-se buscar o ensino da geografia voltado para o dia-a-dia, tomando como base os conhecimentos que os alunos já o têm, e partir destes fazer uma relação de compreensão quanto ao processo de ensino a ser adotado. É justamente nesse momento em que as representações sociais do aluno têm fundamental importância, em que o diálogo entre o racional e o emocional seja efetivado, a ciência e o senso caminhem juntos na produção do conhecimento que concebe e o que se vive realmente.

## CAPÍTULO II

### 3 O ENSINO DE GEOGRAFIA: noções de aprendizagem no ambiente escolar

As grandes mudanças que passaram a afetar de forma expressiva o Planeta tornaram-se visivelmente observadas na transição dos séculos XX e XXI. Tal advento se deu pela facilidade que nos trouxe a revolução tecnológica da informação e comunicações justamente pelo fato de que por uma necessidade vital as pessoas não vivem mais isoladas, pois, todos os povos e países estão interligados nas Tecnologias Informação e Comunicação. Mediante esse quadro, a escola tem lançado mão principalmente do ensino da Geografia, para analisar tais mudanças, por entender que um de seus papéis estar voltado para esse fim.

A Geografia enquanto ciência na concepção de Cavalcanti (2002, p. 11), ela "(...) tem procurado pensar seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, reatualizando alguns outros (...)". Pois foi justamente na década de 70 do século XX, que inicia-se um período de intensas mudanças no âmbito da pesquisa e ensino. Tal movimento passou a ser considerado como "Renovação da Geografia, que Cavalcante (ib. idem), essas mudanças passaram a ser os primeiros caminhos trabalhados no campo da geografia. Ou seja, o autor enfatiza que deve-se: "fazer uma análise crítica da fundamentação teórico-metodológico da ciência geográfica, para se propor alternativas ao modo de trabalhar essa ciência enquanto matéria escolar" (p. 11).

#### 3.1 Propostas vivenciadas no ensino de Geografia

As propostas do ensino de Geografia têm conduzido às discussões teóricas, porém com pouca inserção nos enfoques da prática em si. Pois, até chegar a esse patamar é possível encontrar alterações nos fenômenos que acontecem diariamente na geografia, e ao levar tais discussões para o ambiente escolar, surge assim, o favorecimento de trocas de experiências entre o teórico-crítica e as práticas vivenciadas no dia-a-dia em sala de aula e fora dela.

As mudanças de paradigmas a respeito da ciência geográfica conduziram a alterações significativas em nível de ensino dessa ciência, pois, vários escritores e pesquisadores de renome publicaram e continuam publicando nessa área de investigação. Inúmeros trabalhos foram realizados nas últimas décadas, que acabam denunciando a fragilidade que ora enfrenta o ensino da Geografia Tradicional, onde passou a ser focado o ensino da nova Geografia no

Brasil. Esse Movimento de Renovação, integram num conjunto de reflexões acerca do ensino da Geografia, os quais abrangem de forma geral os fundamentos ideológicos e políticos da geográfica, com início no final dos anos 70, do século XX.

O referido “Movimento de Renovação de Geografia” atribuiu nas últimas décadas, duas questões polêmicas que necessitam ser enfatizadas no ambiente escolar, dada sua importância, no que se refere à prática de ensino de Geografia, tais como aborda Moraes (1989, p. 121):

- a) Os aspectos pedagógico-didáticos das propostas de ensino de Geografia persistem na crença, que procura explicar ou não, de que para ensinar de forma coerente é necessário ter apenas o conhecimento do conteúdo da matéria enfocada criticamente.
- b) E, para que o ensino de Geografia contribua para a formação de cidadãos críticos e participativos bastaria que o professor se preocupasse em trabalhar em sala de aula com conteúdos críticos baseados em determinados fundamentos metodológicos dessa ciência.

Para uma compreensão melhor das discussões, Moraes (1989, p. 122), reforça que “é mister gerar um esforço de traduzir pedagogicamente as novas propostas e os novos discursos desenvolvidos pela Geografia (...)”. Assim, aproximar teoria da prática num plano de ensino de Geografia, poderá estimular uma reflexão pedagógica que se pode assimilar a importância dos avanços a cerca da ciência Geografia nesses últimos anos.

Vesentini (1987, p. 78), faz uma sistematização complexa a respeito do ensino de geografia, quando afirma que,

Um ensino crítico não consiste pura e simplesmente em reproduzir num outro nível o conteúdo da(s) geografia(s) crítica(s) acadêmica(s); pelo contrário, o conhecimento acadêmico ou científico deve ser reatualizado, reelaborado em função da realidade do aluno e do seu meio (...) não se trata nem de partir do nada e nem de simplesmente aplicar no ensino o saber científico; deve haver uma relação dialética entre esse saber e a realidade do aluno- daí o professor não ser um mero reprodutor, mas um criador.

Como bem esclarece Vesentini, não se trata de dar uma nova roupagem ao ensino da geografia, mas sim, fazer uma relação dialética entre o conhecimento de fato e a realidade existente em que se encontra o aluno, como missão do professor voltado pra um ensino crítico.

Cavalcanti (2002, p. 12), reforça a discussão a respeito do ensino no ambiente escolar, abordando que, “é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se destacar os objetivos, os conteúdos e os métodos.” Daí um dos maiores objetivos da escola, bem como da Geografia, que centra na formação de valores, destacando o respeito mútuo às diferenças, com a tônica do combate as injustiças e desigualdades sociais.

Diante do contexto, compreende-se que o ensino de geografia tem como finalidade elementar a ação, que trabalhada com o aluno diante das informações por ele adquiridas no ambiente escolar, ele passe a sistematizá-las no momento que passe a vivenciar uma prática em contato com o meio a cada dia. A partir daí ele possa criar uma ação geográfica que lhe conduza para uma análise da relação da natureza com a sociedade e como estas se relacionam numa dinâmica de aprendizagens constantes (CAVALCANTI, 2002).

Nesse sentido o ensino de geografia pode conduzir os alunos a compreenderem de forma mais ampla a importância da realidade existente em seu meio. Pois, é através desse ensino que ele tem a condição de interferir de forma mais consciente. Porém, é preciso que os professores reformulem seus conhecimentos e tenha domínio das categorias, conceitos e procedimentos, para que possa oferecer uma explicação dos fenômenos geográficos.

É justamente através do ensino de geografia, que o aluno poderá ter a capacidade de formular uma consciência crítica a respeito do espaço, sob a ótica do raciocínio geográfico. Pois, nessa consciência espacial, ele saberá ter além do conhecimento sobre como localizar um determinado espaço geográfico, saberá também incluir-se, sentir-se sujeito desse espaço diante das práticas que a sociedade constrói.

Reformulado por Cavalcanti (2002, p. 19), o ensino da geografia, procura atender “(...) os saberes tomados com objetos de conhecimento pelo aluno é aqueles referentes ao espaço geográfico”, Nesse sentido, o espaço geográfico não está concedido apenas para o pensar sob a realidade numa ótica científica, ele deve ser vivenciado pelo aluno a cada momento, pois, é resultante de suas próprias ações. Então, o ensino de geografia deve direcionar seus alunos para que eles possam perceber em si as situações de espaço e como elas se comportam.

Trabalhar o conhecimento que os alunos trazem de casa, é uma premissa que tem dado ênfase às necessidades básicas da vida do dia-a-dia de cada aluno, o conhecimento empírico, fora das quatro paredes das salas de aula, onde se deve considerar o aluno como sujeito ativo do processo de ensino. Deve-se também buscar a geografia do cotidiano, onde são inseridos os conhecimentos que os alunos têm, só assim será mais fácil obter a compreensão do que se pretende ensinar.

As representações sociais dos alunos tem mostrado o caminho com bons resultados que permite ao diálogo entre o conhecimento racional (científico) e o emocional, entre a ciência propriamente dita e o senso comum, ou seja, o que se concebe e o que vive na realidade.

Para Oliveira (1989), o ensino de Geografia, como as demais ciências que constituem o currículo básico nas escolas, tem conduzido o aluno a pensar criticamente sobre sua realidade. Essa realidade é uma totalidade que envolve sociedade e natureza. Assim enfoca a autora: “Cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza” (p. 142).

Nesse momento, o aluno só compreenderá o espaço produzido, se entender também suas relações com ele. Em outras palavras, depende como eles se organizam na produção e distribuição dos bens materiais, daí os espaços que se produzem também adquirindo formas numa concepção geográfica.

O ensino de geografia, “é o estudo explicativo das diferenciações espaciais na superfície terrestre”, assim, afirma Moreira (2004, p. 08). Pois é nesses termos que a Geografia deve ser trabalhada na escola. Ou seja, o ensino geográfico adquire dimensão em seu currículo, onde possa oferecer uma postura crítica diante da realidade, abstrata e concreta do homem e a sociedade.

Cavalcanti (2003, p. 154), explica que: “o bom ensino é aquele que adianta o processo de desenvolvimento, orientando-se não apenas para as funções intelectuais já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento”. Nele, o professor tem o papel de criar situações de aprendizagem juntamente com seus alunos explorando tanto sua área intelectual como social.

É preciso também que os professores de geografia tenham consciência de que “saber-pensar o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos”, como bem justifica Lacoste (1988, p. 256) ao definir o real papel dos professores dessa área na formação crítica de seus alunos.

Cabe ao professor criar e planejar situações em que seus alunos utilizem em seu dia-a-dia tais procedimentos. Torna-se importante nesse momento, a observação, descrição, experiência, entre outras situações ensinadas para que os alunos aprendam a explicar, compreender e até mesmo representar espaços em diferentes tipos de paisagens e territórios.

O professor é também um agente que atua em conjunto com seus alunos no processo ensino-aprendizagem. Há uma troca constante de conhecimentos e informações, em que o

professor é o mediador do processo com seu aluno diante das mediações intelectuais, afetivas e sociais, como bem esclarece Cavalcanti (2002, p. 20).

A formação do professor contribui na valorização de sua prática e experiências vivenciadas no espaço escolar. Tais experiências desencadeiam os principais instrumentos na compreensão perfeita de como ocorre o processo de ensino da geografia, pois, é nesse momento em que sua identidade de educador é construída e moldada sempre que for necessária.

Cavalcanti (2002, p. 26), ainda aborda outra questão que a “relação do professor de Geografia com o objeto de estudo da matéria e que compõe o quadro de seus saberes da experiência, é o uso que ele faz do livro didático”. Este professor se encontra em sala de aula, na maioria das vezes com certa dependência do livro didático, avaliado por ele mesmo. Pois muito deles se sentem acomodados com a facilidade que tem os conteúdos prontos e acabados com respostas definidas sem questionamentos, não se preocupando em ir buscar novos conhecimentos a cerca dos problemas polêmicos, de forma a enriquecer a aprendizagem de seus alunos.

A formação profissional é uma temática bastante complexa e polêmica. Pois na atualidade exige que o profissional em sua prática modifique-se e procure adaptar-se as necessidades curriculares de seus alunos, encaram um novo olhar, sobre os velhos problemas, ou seja, “enfrentar os desafios postos atualmente na educação escolar é necessário uma formação profissional consistente” (CAVALCANTI, 2002, p. 112).

“O ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor e pela matéria de ensino, no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: objetivos, conteúdos e métodos de ensino”, assim afirma Cavalcanti (2003, p. 25). Diante desse enfoque percebe-se que o conteúdo é importante, porém além dele existe outros elementos essenciais, com destaque: o interesse, a compreensão, a harmonia, a didática, bem como, a vocação e acima de tudo a segurança no conhecimento a ser trabalhado em sala de aula.

Ao criticar a escola básica, a sociedade afirma que esta é de má qualidade e complementa dizendo que está nessa situação devido à má qualidade dos professores, em sua prática. Então, como encaminhamentos, seria necessário tanto à escola quanto os professores buscassem novas estratégias de ensino de forma que possa oferecer uma qualidade na aprendizagem da sociedade que a constitui.

A escola é o ambiente mediador entre o aluno e o mundo de sua cultura. Ela deve cumprir esse papel pelo processo de transmissão e assimilação dos conhecimentos de forma

crítica, em que estejam inseridos no movimento da prática social. É neste contexto que o professor deve aprender a abordar todos os aspectos, ligados às ações mediadoras do processo pedagógico. (LIBÂNEO, 1992, p. 51).

A escola é também “um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos”. (CAVALCANTI, 2002, p. 33).

Portanto, a Geografia no ambiente escolar acontece com a mediação do meio em que vivem os sujeitos da aprendizagem. Lá eles circulam, brincam e passam a conhecer melhor sua cidade, bairros e lugares onde produzem espaço que delimitam seus territórios. Pois ao construir a geografia, constroem também seus conhecimentos geográficos.

Então, o ensino de geografia nas escolas pública, especificamente de ensino básico passa por momentos de dificuldades, conforme enfatiza Pontuschka (2001, p. 127). Além da degradação das condições de ensino e trabalho que vivem os professores de geografia, temos de um lado as universidades com um discurso crítico em relação às concepções da geografia tradicional, com os encaminhamentos de reformulações no ensino através de novas propostas curriculares. Por outro lado, encontram-se os professores demonstrando dúvidas e frustrações, frente uma escola onde pouco se ensina e raramente se aprende a ciência geográfica.

### CAPÍTULO III

#### 4 A CRISE ATUAL NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLA BÁSICA

As mudanças que ocorrem diante dos problemas atuais sobre o ensino de Geografia, têm levado muitos educadores a repensar sobre sua prática em sala de aula. Fato esse, que está os objetivos que permeiam o ensino de Geografia onde não estão sendo alcançados, pois, o que se percebe é uma escola distante da realidade que ora enfrenta a sociedade diante dos problemas relacionados aos aspectos geográficos físicos ou humanos.

Tal problema tem sido discutido no ambiente educacional onde são lançadas várias propostas de trabalhos, porém com pouca execução, seja em nível Fundamental, Médio e até Superior. Muito embora, essa crise tenha servido de base para discussões no espaço escolar, em que vários educadores procuram desenvolver propostas de trabalhos juntos aos seus alunos nas quais são abordados temas polêmicos relacionados ao meio (extrato social) em que esteja inserida a comunidade escolar.

##### 4.1 Noções básicas e legais no ensino de Geografia

Com a preocupação de buscar novas estratégias voltadas para os modelos didáticos, as escolas vêm encaminhando o estudo de geografia com base nos princípios que recomenda as novas Diretrizes para o Ensino de Geografia, a exemplo do Parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CES nº 492 de 2001, onde enfatiza que conteúdos básicos e complementares da Geografia sejam organizados obedecendo a seguinte delimitação (BRASIL, 2001, p. 11).

- a) O Núcleo Complementar, em que os conteúdos considerados serão necessários à aquisição de conhecimento geográfico e que podem ser oriundos de outras áreas de conhecimento, mas não excluem os de natureza específica da Geografia;
- b) E o Núcleo de opções livres, no qual será composto de conteúdos a serem escolhidos pelo próprio aluno.

Em se tratando dos cursos de Licenciatura devem ser incluídos os conteúdos voltados para educação básica, em que as propostas didáticas e as pesquisas sejam relacionadas com esse propósito.

A falta de ações concretas que dão sustentáculos a problemática da crise no ensino de geografia em sala de aula, sempre foi à preocupação maior dos órgãos educacionais. Poucos são projetos desenvolvidos pelas escolas básicas e até nas Universidades, pois, as políticas públicas direcionadas a educação no Brasil necessitam de ações a serem cumpridas.

Reforçando essa discussão o Parecer 492 do CNE/CES (BRASIL, 2001), propõe também dentre outras determinações, os objetivos a serem seguidos pelos cursos de graduações, o desenvolvimento de várias habilidades, com destaque para o curso de geografia, tais como:

Identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações dos conhecimentos; articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais; reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos; planejar e realizar atividades de campo referentes à investigação geográfica; dominar técnicas laboratoriais concernentes à produção e aplicação dos conhecimentos geográficos; propor e elaborar projetos de pesquisa e executivos no âmbito de área de atuação da Geografia; utilizar os recursos da informática; dominar a língua portuguesa e um idioma estrangeiro no qual seja significativa à produção e a difusão do conhecimento geográfico; trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares; entre outros voltados para as partes específicas do curso.

Dessa forma, compreende-se que dominar os conteúdos básicos relacionados à Geografia enquanto Ciência da natureza enfocando o 'homem e seu espaço', são objetos essenciais no processo de ensino-aprendizagem em níveis Fundamental e Médio.

Vesentini (2004) faz uma crítica muito forte, mas, que serve de alerta aos educadores geógrafos nas escolas básicas, quando enfoca o comentário de que "O ensino tradicional da Geografia, mnemônico<sup>7</sup> e descritivo calcado apenas no modelo Terra e o Homem, não tem mais lugar na escola do século XXI", (p. 220). Ou seja, a Geografia no mundo atual muda de forma radical como contribuição na formação de cidadãos ativos. Assim, torna-se evidente que o ensino de geografia necessita mudar as concepções a respeito das novas estratégias que possa adequar-se a realidade atual em que se encontra a 'Ciência', pois, enquanto função

<sup>7</sup> Que se refere à memória; mnemônico. Que está em concordância ou de acordo com os princípios da mnemônica: trabalho mnemônico. Que facilita a memorização; diz-se dos mecanismos utilizados para desenvolver a memória (exercícios). (<http://www.dicio.com.br/>) acesso em 20/08/2013.

social ela deve dar resposta eficaz aos problemas de ordem ambientais que surgem a cada momento.

Vesentini (2004) propõe também que o ensino de Geografia deve acompanhar as mudanças ocorridas no mundo tanto na Geografia Humana como na Física, de modo que não seja dado privilégio apenas ao estudo de conteúdos isoladas, mas, que seja contemplada para as discussões pertinentes aos problemas, como aquecimento terrestre e em especial a problemática da água no planeta.

Outros autores preocupados com a forma como vem sendo trabalhado o ensino de geografia nas escolas a exemplo de Lacoste (1988) onde afirma que a geografia é uma ciência que em sua essência apresentava um ensino voltado para o modelo tradicional na sala de aula. Tal pressuposto encontra-se enraizado na própria compreensão da 'Ciência geográfica' por parte da grande maioria da população em que a geografia apenas oferece enfoques teóricos a respeito das coisas da natureza, não havendo uma preocupação maior com a fauna (conjunto dos animais de uma região) e flora (conjunto das plantas que crescem numa região) e os problemas que nelas circundam.

Tal prática de ensino permanece visível na sociedade atual, pois, sabe-se que a Geográfica já passou e continua passando por modificações significativas. E, que essas práticas que permanecem sendo executadas em salas de aulas onde a disciplina tem pouca importância tanto para os professores como para os alunos, onde o foco das discussões gira numa memorização de conteúdos, se distanciando cada vez mais da realidade existente aos problemas geográficos que ora enfrenta a sociedade.

Segundo Castrogiovanni (2007), reforça a temática e faz o comentário que: "muitos ainda acreditam que a geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nome de rios, regiões, países, altitudes, etc. (p. 42)". Muito embora, observa-se que nas últimas décadas do século XXI, a geografia, passa a ter como centro das discussões o 'ser humano', e suas ações sobre o planeta 'terra' em todas as dimensões. Entre outras palavras Castrogiovanni atenta para a importância de que: [...]. na realidade, a geografia é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos, (p. 43).

Mediante pressupostos, pode-se compreender que o ensino da Geografia em todos os parâmetros passa a ser uma necessidade para sobrevivência tanto para os seres humanos como a outros animais. Desse modo, a Ciência Geográfica enquanto componente curricular torna-se todas às vezes mais uma ação vital nas propostas de ensino das escolas básicas, onde a

fragmentação dos conteúdos de forma descritiva seja abolida, e que se busque uma dinâmica voltada para a interdisciplinaridade com as demais áreas de ensino.

Os recursos didáticos oferecidos nos dias atuais para o professor de geografia trabalhar em sala de aula são considerados importantes, pois as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) tem contribuído de forma significativa no trabalho efetivo tanto em sala de aula como fora dela, de modo que os problemas advindos dos extratos sociais da clientela que abrange a comunidade escolar favoreçam as discussões atuais no ensino de geografia de forma crítica.

Neste contexto, ocorre uma menção a respeito do ambiente sala de aula de geografia, durante a realização do estágio supervisionado em escolas públicas em que o fazer pedagógico nessa área de estudo a qual pode-se observar que, a maioria dos alunos demonstrava o desinteresse pelas aulas de geografia, pelo fato de que as mesmas não passavam de leituras textuais e por vezes resolução dos exercícios exaustos, prendendo-se apenas ao livro didático, sem nenhum interesse por parte do aluno (grifo do autor).

Cabe, portanto, buscar resposta que amenizem o desinteresse dos alunos, pois, sabe-se que ele reside no momento em que os temas são abordados pelos professores de forma isolada, onde não há uma relação como meio (extrato social) do aluno, o qual sua cultura não é levada em consideração nas discussões de temas como: 'a população de determinada região geográfica'. Assim, tal concepção conduz a uma ação mal encaminhada em que não favorece na aprendizagem do aluno.

Muito embora o livro didático seja um forte aliado do professor em sala de aula, há a necessidade de melhorar a qualidade de ensino de geografia. Deve-se então, fazer ao mesmo uma análise reflexiva dos textos nele exposto, de forma contextualizada, dando a real importância aos fatos que nele são explorados. Pois, nos dias atuais, as novas tecnologias exigem dos profissionais uma educação inovadora na qual favoreça ao aluno ser um agente de mudanças, participativo e crítico diante às adversidades por ele enfrentadas no meio em que vive.

Cabe nesse momento uma reflexão dos enfoques aqui expostos, no que se referem à problemática do ensino de geografia de forma crítica, no qual procure envolver estratégias a partir da Instituição de Ensino Superior – IES, até as escolas básicas, fazendo um fio condutor do conhecimento com comunidade nela inserida, de forma que se possa atender aos seus anseios.

#### 4.2 Caminhos para o ensino da Geografia atual

Durante a graduação são abordados vários objetivos, tais como orientar, inovar, estimular entre outros, enfatizando caminhos de como trabalhar o ensino de geografia em sala de aula. Contrapondo a esse enfoque temos professores que persistem em trabalhar de forma tradicional, no qual torna cada vez mais difícil sua compreensão por parte dos alunos, esquecendo por vezes que os problemas relacionados ao ensino dessa área de estudo, centra na maioria das vezes nos fenômenos geográficos advindo do espaço em que vivemos. Daí, esses professores procuram se espelhar em práticas adquiridas durante sua formação que se passou durante cinco ou mais anos nos bancos da universidade, por vezes, também que não condiz o momento que ora se depara.

Porém, não basta uma ideia do estudo voltada para o imediatismo, ou procurar fórmulas mágicas que amenizem o problema. Devem-se buscar possibilidades que sejam trabalhadas em que esteja envolvida além dos sujeitos do ensino e da aprendizagem da Geografia, a comunidade inserida nesse espaço escolar, e, que juntos construam soluções viáveis a problemática ora enfrenta.

Nesse contexto, há uma corrente a ser afastada da sala de aula, a ideia que o professor é o detentor do conhecimento, onde as decisões são sempre em última instância tomada por eles. Em seu discurso grande parte dos professores, atenta para a inserção apenas do livro por ele escolhido no início das atividades do ano letivo.

Diante de alguns argumentos, ousamos fazer alguns questionamentos: será que na proposta de ensino da geografia desenvolvidas em sala de aula está coerente com a realidade do ambiente escolar? Qual é o real papel do processo ensino-aprendizagem nesse contexto? Tais indagações nos conduzem a rever as práticas desenvolvidas pelo professor em sala aula, no ensino de geografia. Por vezes, a postura desse professor diverge com o que se pretende alcançara na efetivação do ensino de Geografia, pois, precisamos conhecer o gosto e preferência dos alunos, para que se possa atingir sua aprendizagem.

Nesse sentido, o estudo abordado, tem além da pretensão de abordar as concepções teóricas sobre o ensino de geografia, trazer a tona algumas reflexões sobre a prática desenvolvida em sala de aula, buscando de forma prazerosa os caminhos para aprendizagem do aluno.

Para tanto, deve atentar para que essa prática não se restrinja apenas ao repasse de conteúdo a título de informação, mas que seja feita a relação do mundo em que vivem os sujeitos da aprendizagem. Assim, é necessário buscar despertar no aluno o interesse pelo

conhecimento geográfico, porém, para isto o professor não deve trazer as coisas prontas acabadas com respostas no final do Livro didático, e, sim, rever esse conhecimento construído a cada momento pelo aluno com a devida orientação de seu professor, daí a importância de valorizar o conhecimento prévio desse aluno.

No momento atual as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) tem contribuído de forma efetiva na geração de novos conhecimentos. O profissional de geografia necessita estar muito bem informado, diante as mudanças ocorridas constantemente no meio ambiente como um todo. Assim, a formação desse profissional deve estar adequada às exigências da sociedade, pois, ele deve ser além do professor, um formador de opiniões, como diferencial em seu papel em sala de aula, sobre os fenômenos relacionados à geopolítica e temática socioeconômica.

Desse modo, o propósito de resgatar essa prática centra em despertar o interesse do aluno e do professor em sala de aula durante o ensino e aprendizagem da Geografia. Assim, para que ambos atuem de forma consciente devem-se buscar novas estratégias de ensino para que de fato aconteça a aprendizagem.

Libâneo (2002, p. 58), aborda em seu trabalho “Os professores e professoras nas escolas hoje”, alguns enfoques as TICs no ambiente escolar, enfocando que se deve,

(...) fazer uma leitura pedagógica dos meios de comunicação é verificar a intencionalidade dos processos comunicativos (de natureza política, ética, psicológica, didática) presentes nas novas tecnologias de informação metodológica e organizativa (...).

Tal preocupação ressalta a importância dos objetivos sociopolíticos e econômicos juntos as TICs, e uma discussão retomada pelos professores a respeito de uma proposta de ensino com ênfase a temática da geografia e sua aplicação na sociedade atual.

Libâneo (2002) nos leva a compreender que os meios de comunicação facilitam tanto no ensino por parte do professor como na aprendizagem do aluno. Ao utilizar as novas tecnologias, os sujeitos dos processos adquirem um hábil conhecimento sobre os fenômenos geográficos que antes eram mais restritos aos livros didáticos. Portanto, nesse instante, cabe a instituição escolar o papel de ser um ambiente provedor desse conhecimento através das TICs, em que o aluno passe a vivenciar o conhecimento geográfico de fato e direito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante abordagens teóricas, pode-se perceber a real importância da relação teórico-prática no ensino de geografia na escola básica – II, pois, enfoques delimitados no estudo nos conduzem para uma reflexão sobre essa importância no processo ensino-aprendizagem no ambiente escolar, por entender que é nesse espaço onde temos a oportunidade de trazer à tona as discussões das dificuldades que ora enfrenta o ensino de geografia.

Nesse contexto, a realidade dos fenômenos sócios e educacionais relacionados ao ensino da geografia, descreve o quanto o aluno aprende nessa área de estudo. Assim, o estudo observou que a teoria não deve ser trabalhada distanciada de uma prática que possa efetivar a aquisição do conhecimento geográfico.

Considerando que os alunos no Ensino Médio estão num processo de crescimento contínuo e que também as práticas ativas propostas em sala de aula, conduzem na busca de novas estratégias de ensino na aprendizagem da geografia.

Assim, as propostas pedagógicas no ensino de geografia devem proporcionar momentos de aprendizagem em que facilite na execução das atividades que contribuem nessa compreensão. Atividades essas que estão relacionadas ao meio (o extrato social) em que estão inseridos os alunos.

Nessa concepção, o presente estudo pode oferecer uma reflexão consistente sobre a importância dos alunos vivenciarem os momentos em que as práticas no ensino de geografia, podem lhe oferecer de modo significativo na aquisição do conhecimento geográfico abordado pelo professor.

Os pressupostos enfocados na pesquisa demonstra que há a necessidade de se fazer a relação óbvia do ensino de geografia com a realidade do aluno, e que as atividades desenvolvidas por ele estejam voltadas para seu crescimento intelectual. Tal preocupação busca tornar clara a importância de realizar um ensino de forma prazerosa, onde o que se ensina seja aprendido de forma divertida.

Assim, torna-se importante que o professor tenha consciência de que o conhecimento geográfico deve ser apropriado por todos que dele necessitam, no qual cada aluno possa inseri-lo em seu meio ambiente, pois, os fenômenos geográficos que ora apresentam precisam ser trabalhados de modo a superá-los.

Para tanto, o propósito nesse momento centra em resgatar uma prática centrada em despertar o interesse do aluno pelo conhecimento geográfico, bem como, a efetivação dessa

prática por parte do professor em sala de aula durante o ensino da Geografia. E para que tal pressuposto seja concretizado, é preciso que ambos procurem desenvolver novas estratégias de ensino em que de fato seja realizada a aprendizagem em sua plenitude.

Nesse sentido, o estudo oferece uma oportunidade de ampliar cada vez mais os conhecimentos e aprendizagem da geografia, pois, essa importância vem justamente de encontro as atitudes por vezes desmotivadoras em que alguns professores consideram o ensino da geografia apenas um repasse de conteúdos. Como componente curricular a Geografia esta presente em todos os âmbitos do meio ambiente.

Portanto, é através deste estudo que propomos as escolas, transformar suas propostas pedagógicas em que o ensino da geografia seja efetivado em todos os parâmetros no curso de Licenciatura Plena em Geografia, e que o professor possa ser um mediador na produção do conhecimento geográfico de forma significativa.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO Parecer N.º: CNE/CES 492, Brasília, 2001.
- BECKER Fernando Educação e Construção do Conhecimento, Porta Alegre: Ed. Artmed, 2005. 126 p.
- CASTROGIOVANNI, A C (org.). Geografia em sala de aula – práticas e reflexões. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e prática de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.
- \_\_\_\_\_, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- CASSAB, Maria Aparecida Tardin. Para Construir Espaços Solidários. Ed. UFJF; Juiz de Fora. Minas Gerais: 2006.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. As características da nova geografia. Geografia. vol. 1, n. 1, abr. de 1976.
- GOMES, Paulo César da Costa. Geografia e Modernidade. Ed. Bertrand Brasil; Rio de Janeiro: 2007.
- LACOSTE. Yves. Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- LIBÂNEO, José Carlos. A Democracia da Escola Pública. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. Adeus professor, Adeus professora. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOREIRA, R. O círculo e a espiral – para a crítica da geografia que se ensina – 1. Niterói: AGB – Niterói, 2004.
- MORAES, Antônio C. R. “Renovação da Geografia e Filosofia da Educação” São Paulo: 1989.
- MOREIRA, Igor Antônio Gomes. O Espaço Geográfico: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1982.

OLIVEIRA, Arioaldo U. de (org.). Para onde vai o ensino de Geografia? São Paulo: Contexto, 1989.

PONTUSCHKA; N. N. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A (Org.). Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 2002. 111- 142 p.

\_\_\_\_\_. Novos Caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 2001.

SHATTUCK, Roger. Conhecimento Proibido - de Prometeu á Pornografia. Ed. Companhia das Letras; São Paulo: 1999.

VESENTINI, José Willian. Educação e ensino da geografia: instrumento de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. A geografia na sala de aula. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. Realidades e perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: \_\_\_\_\_ O ensino de geografia no século XXI. Campinas: Papyrus, 2004. p. 219-248.

\_\_\_\_\_. O método e a práxis: notas polêmicas sobre a geografia tradicional e geografia crítica. Terra Livre. São Paulo: 1987.

WETTSTEIN, G. Subdesenvolvimento e Geografia. São Paulo: Contexto, 1992.